

Capital excelente para o novo presidente

18 NOV 1989

De tempos em tempos, repetem-se as críticas biliosas. Que isto é uma ilha de fantasia, distante do Brasil, que aqui reina a vagabundagem bem remunerada, que estamos num covil de corruptos, coisas assim.

Para os que disseminam essas imagens, Brasília é egoísta, goza privilégios em afrontosas dachas e seus habitantes fazem questão de assumir olímpica atitude de desdém em face do mundo exterior, visto como algo tedioso, nauseante.

Essa gente acha que nada como-ve o habitante da Corte, seja o sumiço de um avião lotado ou o espetáculo dantesco de crianças comendo ratos comendo ratos no Nordeste.

Muitos criticam a chamada característica insular da cidade. E como se, vivendo no mais plácido dos recantos, brandissemos aos ventos a mais alta renda per capita do país, rolássemos por uma existência suave e ajardinada e adotássemos um comportamento "blasé" para com as províncias longínquas — cuja única serventia não seria mais que o folgueto turístico.

Os que assim vociferam, individualizam a crítica. Concentram baterias na figura do tecnoburocrata brasileiro, um ser que, para eles, exala arrogância por todos os poros, vive mergulhado em levantamentos, projeções e análises, e encara com cinico desprezo toda e qualquer questão de índole social — "que maçada ter que receber o pessoal desse sindicato rural nem sei de onde".

Visto como perverso e insensível espécime da raça humana, o funcionário é acusado de plantar-se em sossego, instalado em macia poltrona num ambiente refrigerado onde nunca enxuga um pinga de suor; ordenado em dia, engordado por benefícios já incorporados a seu cotidiano como se fossem de berço, cansa-lhe à exaustão o diálogo com quem vem de longe trazendo as reles reivindicações de uma vaga e sofrida região — uma arênga que só serve para atrasar a partida de tênis na Academia, que chatura!

Quanto ao burocrata propriamente dito, não é poupado num clip sequer. Segundo os que criticam Brasília e o que ela representa, esse cidadão não está, realmente, a fim de resolver coisa alguma. Falta-lhe o principal: *animus operandi*. O que interessa é o carimbo, o protocolo, a pasta bem arquivada e pareceres cujo destino final, é, invariavelmente, a gaveta do chefe — até que um novo chefe desarquive toda a tralha e encomende novos pareceres, com o que recomeça o círculo vicioso. Essa indisposição para a objetividade, esse distanciamento dos problemas retarda, obviamente, por meses, anos, lustros, décadas a tramitação dos processos. Afinal, de que adianta discutir a seca do Nordeste a 3 mil quilômetros?

Até que à primeira vista parece que é isto mesmo, tal o volume de matérias escritas e bradadas sobre o assunto com escândalo e estarecimento.

Nós, que moramos aqui, sabemos que não é nada disso. As restrições partem de interesses contrariados, desde obtusas criaturas que incrivelmente até hoje não se conformaram com a mudança da capital e ainda falam na "loucura de Juscelino", até grupos nacionais e estrangeiros que se frustraram ao perder o contato direto com o Governo Federal, distante do Rio e São Paulo e, com isso, viram enfraquecer seu poder de envolvimento.

Quanto à figura do burocrata ou do tecnoburocrata, é certo que os perfis aqui esboçados existem em Brasília — como, de resto, em

qualquer capital do mundo. Não custa lembrar o brutal emperramento da administração pública em Roma ou em Moscou, só para ficar com duas cidades bem representativas do que estamos falando.

Mas, mesmo sem usar os óculos da condescendência, reconheçamos que as coisas aqui funcionam. E, acima de tudo, que as decisões sãoecisões são tomadas com neutralidade, livres das paixões e do alarido da proximidade do problema, sempre péssima conselheira. Eloquentemente e impecável exemplo foi dado recentemente pelo TSE no julgamento das impugnações à candidaturas de Silvío Santos.

O brasileiro tem tudo para encarar as coisas com essa isenção, a par de fruir de excepcionais condições de trabalho. Nem falo das mordomias, mas da situação física da cidade, cujo clima ameno areja os ambientes e onde generosa luminosidade os alegra. Há limpeza, móveis claros e um silêncio macio, verde e adocicado que favorece a reflexão, de que resultam decisões mais sensatas. Isso, sem mencionar o salubérrimo hábito de almoçar em casa, o que retempera as forças para a tarde sem modorra: o reinício das tarefas se dá com revigorado estímulo.

Assim é, em qualquer local de trabalho em Brasília. Enorme diferença das salas entulhadas, prédios sem elevador ou ar condicionado — principalmente no verão, quando tudo pifa — e onde se empilham processos amarelados e malcheirosos, alguns do tempo de Lima Barreto. Senhoras em pelancas derramando-se por braços moles, arrastando chinelos no corredor da repartição rumo ao bebedouro do andar e de olho no relógio para ver quanto tempo falta para acabar o expediente. E a isso os ranzinzas atávicos chamam de estar mais perto dos problemas, conhecê-los melhor!

Quanto à distância de Brasília "do resto do Brasil"asil", nada mais ridículo. A cidade é equidistante de qualquer capital do País, tanto que nenhum voo direto daqui leva mais que duas horas e meia até seu destino. Aliás, cabe indagar: e de onde se resolveriam mais de perto os problemas nacionais? Do Rio, outra vez — de onde jamais se resolveram? De São Paulo, de Brumadinho, de Caicó?

Usando o próprio argumento crítico, de qualquer dessas cidades enormes seria a insensibilidade para decidir questões que interessassem, digamos, a Goiás, ou ao Acre. E é bom não esquecer que, se for o caso, basta tomar um avião, dar um pulinho ao local do problema e resolvê-lo *in loco*, por que não? Brasília ainda desfruta de permanente céu "de brigadeiro", chega a ser covardia...

A tudo isso se acrescenta o fato de que aqui as autoridades são figurinhas fáceis — ainda outro dia estava na Delícia comprando coisas doces e salgadas quando esbarrei no ministro dos Transportes, tranqüilo em sua bermuda, esperando a vez para o corte de seu queijo fatiado. Senadores, deputados, líderes e vice-líderes mastigam o seu filé na mesa ao lado, o convívio é natural.

A má-fé e o desconhecimento continuam tentando desmoralizar a vida que aqui se leva. Perda de tempo. Brasília pode até ser uma ilha, vá lá. Mas nós, ilhéus do Planalto, sabemos que nosso ângulo de observação é melhor, resultado de inúmeros fatores, inclusive a vida pacífica que levamos. Graças a tantas condições naturais, o trabalho flui ordenado e sem tensões, produtivo e eficiente. Eis aí excelente perspectiva para o novo Presidente. Ele, aliás, vai precisar muito de cabeça fria...